

A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos

*Fabiano Pries Devide**

Resumo: O presente estudo tem por objetivo apresentar como a natação se tornou um elemento de destaque na cultura física feminina no início do século XX. Após análise das fontes históricas que abordam a temática da Cultura Física Feminina, considera-se que a atividade física, especificamente a natação, tornou-se mola propulsora para se alcançar o ideal eugênico proposto pelo Estado e alguns intelectuais da época, incorporando os conceitos de saúde, beleza e graciosidade, como elementos indissociáveis e necessários às mulheres no início do século XX no Brasil.

Palavras-chave: História das Mulheres, Cultura Física, Natação.

O presente estudo, situa-se no território da História Cultural (Vainfas, 1997) e no campo de investigação da História das Mulheres (Scott, 1992; Soihet, 1997). O objetivo central é discutir como a natação se tornou um elemento de destaque na cultura física feminina no início do século XX.

Para a construção da pesquisa, efetuou-se uma busca na literatura da época, formada por obras de referência e periódicos de diferentes naturezas: boletins e revistas de clubes que se destacaram por suas atividades esportivas e pela inauguração de seus departamentos femininos,¹ revistas que publicaram artigos referentes à cultura física feminina,² além de jornais de época, que noticiaram o que ocorria na vida esportiva das cidades, especificamente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A análise das fontes históricas pautou-se numa abordagem semiótica com foco no leitor (Eco, 1997), reconhecendo a constru-

* Doutor em Educação Física. Professor da Secretaria Municipal de Educação de Teresópolis e da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro.

1 Entre estes clubes, destacava-se o Fluminense Football Club (FFC), no Rio de Janeiro; e o Clube Espéria (CE), o Club Athletico Paulistano (CAP), e o Sport Club Germania (SCG) em São Paulo.

2 Entre estas revistas, encontra-se o Cherubim, o Álbum das Meninas, a *Sports*, a *Sport Illustrado*, a Revista de Educação Física e a Revista Feminina.

ção do sentido na interlocução entre fonte e pesquisador, influenciada pela intertextualidade³ do sujeito-leitor (Pechêux, 1997).

O texto percorre as temáticas da visibilidade da cultura física na virada do século XIX, a ancoragem do projeto eugênico do Estado na obra de Orlando Sobrinho (1930), a inserção das mulheres das elites nas práticas esportivas, a criação dos departamentos femininos no interior dos clubes, dando visibilidade às mulheres que praticavam esportes e atividades físicas, com destaque para a natação, sendo representada por intelectuais da época como a atividade ideal para cultivar a beleza, a graça e a saúde feminina no início do século XX.

Cultura física feminina na virada do século XIX

Na virada do século XIX para o século XX, é possível encontrar textos que tematizam a cultura física feminina, incentivando-a, dando instruções e normatizando o que uma mulher deveria e também aquilo que não poderia fazer no que diz respeito à prática de exercícios. *O Cherubim*, periódico semanal fundado em 1885 e editado por um grupo de rapazes no Rio de Janeiro, fez propaganda em prol da boa educação da mulher, publicando, em 1887, o artigo “A educação physica da mulher”, do qual reproduzo o excerto a seguir:

assumpto sobre maneira difficil (...), mas como somos todos dedicados á mulher, o faremos (...). A educação não consiste somente na illustração da intelligencia: é completa pela educação externa ou physica que se dá ao corpo, afim de aperfeiçoal-o e garantir-lhe a saude. Além da pratica dos conselhos hygienicos, do trato social, do andar, do porte, deve pôr em pratica tambem o movimento. (...) Por esse meio conseguir-se-ha a saude, a perfeição e agilidade tão necessarias ao homem, como á mulher, nos mysteres da vida. Pela educação physica fortificam-se os pulmões exforçam-se os órgãos. (...) tem-se desprezado na educação as relações entre o espirito e o corpo. (...) a nossas leitoras, aconselhamo-lhes não a quietação, nem sómente o piano, mas o passeio ao ar livre, a corrida moderada e opportuna, a gymnastica, a dança, a equitação e outros exercicios ou movimentos de conformidade a condição da mulher. Teremos então a moça sadia, forte, rosada e verdadeira tentação. (O Cherubim, Rio de Janeiro, 5 jun. 1887, ano III, v. II, n. 39, p. 1; 5, grifo meu)

3 Segundo Maingueneau (1998) intertextualidade se refere ao conjunto de relações que um texto mantém com outros textos.

Note-se que no excerto, escrito no fim do século XIX, o incentivo à prática física como elemento da educação feminina já se manifestava na imprensa carioca, em prol da saúde das mulheres, associada, também, à idéia de beleza, que se traduz no texto.

Outros textos do final do século XIX abordam a questão da “Educação Physica feminina”. De forma geral, propõem uma educação integral para as mulheres, chamando a atenção para a necessidade do desenvolvimento do hábito de cultivar a forma física através de exercícios ginásticos, melhorando a saúde feminina, considerada frágil na época.

Anália Franco, em 1898, editava em São Paulo, o *Álbum das Meninas*, uma revista educativa dedicada à juventude brasileira. O texto “Educação Physica”, de sua autoria, faz uma crítica ao modelo educacional destinado às mulheres do fim do século XIX, no Brasil, centrado nos atributos considerados intelectuais e também na preocupação da apreciação dos olhares públicos sobre a aparência feminina, deixando à margem a cultura física e tornando-se uma ameaça à saúde (interpretada como ausência de doenças) das futuras gerações de mulheres:

A observação nos tem demonstrado que a nova geração já tão depauperada e anêmica, sendo como é obrigada a uma tensão extraordinária do espirito, pelos estudos (...), com poucos exercicios vigorosos e alegres, caminha do atrophiamiento da força physica (...) a uma lamentavel e funesta decadencia. (...) não se pode desconhecer que o instrumento intellectual está tambem sujeito ás enfermidades physicas e não pode dispensar um sangue rico, alimentado por um ar puro e regenerado por varios exercicios. (...) Dáhi resulta a necessidade de uma educação completa integral e harmonica, unico meio talvez para salvar a nova geração dessa especie de cansaço quasi permanente (...). Privadas d’uma completa liberdade de acção, tolhidas na sua actividade physica, ora por mero erro de pedagogia, ou pela extulta e inepiedosa vaidade de tornal-as admiradas e agradaveis á vida, prejudicam gravemente a constituição das meninas, condenando-as á desventura por esse amor desordenado pelas apparencias. Sem essa actividade alegre que lhes fortifica os pulmões e garante-lhes um salutar desenvolvimento, não só tornam-se incapazes de dirigirem ou acautellarem-se a si mesmas nas horas de perigo. Como tambem apresentam uma apparencia de palidez doentia, junto a uma certa timidez que geralmente acompanha a fraqueza. (Franco, 1898, grifo meu)

A revista *Educação* também trouxe um artigo intitulado “A Educação Physica da Mulher”, questionando a tendência das mu-

lheres em se aterem às atividades intelectuais, ignorando aquelas relacionadas à cultura física:

Mas, que desenvolvimento intellectual pode haver onde a cultura physica é desconhecida? Que energia de pensamentos, que vitalidade de idéas num corpo debilitado, num organismo enfraquecido? Importa, pois, convencer a mulher de que as letras sacadas irreflectidamente sobre a sua constituição na mocidade, hão de lhe voltar protestadas mais cedo ou mais tarde; que a natureza se recusará a satisfazer os seus pedidos exigentes; que chegará o dia em que ella acordará physicamente fallida! (Educação, São Paulo, 21 abr. 1903, ano II, n. 11, p. 5)

Os periódicos da época, tais como os acima mencionados, apesar de aos poucos irem publicando matérias sobre a importância da atividade física para a saúde feminina, concentravam-se, na maior parte, em orientar as mulheres quanto aos bons hábitos de etiqueta, à educação, através de conhecimentos gerais sobre arte, literatura, música, canto, dança, e aos afazeres domésticos (Maluf & Mott, 1998). Entretanto, o movimento gradual incentivava as mulheres da virada do século a adotarem uma prática física.

Projeto Eugênico do Estado: o exemplo da obra de Orlando Sobrinho

A Era Vargas, caracterizou importantes avanços da Educação Física no Brasil. Sob as bases das ciências biológicas e do cientificismo, à Educação Física destinou-se o papel de construir uma raça forte, que representasse o progresso de uma nação em expansão, que ingressava no processo de industrialização, principalmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. De acordo com Goellner (2000):

O temor à degenerescência da raça e a necessidade de fortalecer a força produtiva, (...) evocam um maior controle sobre o corpo (...). Nesse sentido, movimentar o corpo indolente e preguiçoso, mais que uma vontade individual, é também uma intervenção política de controle e cerceamento. (p. 62)

No discurso nacionalista, a prática da Educação Física representou a possibilidade de regeneração da raça brasileira. Esta consideração é importante para se entender que a inserção das mulheres no cenário esportivo nacional ganhou impulso não somente por questões individuais, das próprias esportistas, mas por ideais elaborados com interesses políticos, pelo Estado, e incorporados por intelectuais da época.

Constitui-se um discurso eugênico que teve nas mulheres o foco de debates. Diante da crescente produção literária na Educação Física neste período (Marinho, s.d.), surgem obras que tematizam a questão da Educação Física feminina. Entre estas obras, escolhi o livro de Orlando R. Sobrinho, editado em 1930, trabalho de conclusão de seu curso no Centro Militar de Educação Física, como exemplo que ancora as idéias de eugenia tendo as mulheres como centro deste processo. Antes de comentar a obra, transcrevo algumas idéias do Tenente Aurélio Lyra, que prefaciou o livro:

De facto, qualquer programma de regeneração racial pela educação physica scientifica e methodica ha de (...) começar (...) applicando-a á mulher. (...) se é principalmente pela hereditariedade que as gerações se transmitem as taras e os defeitos, ha de ser a mulher, logicamente, o ponto indicado para estudal-os, localizal-os e corrigil-os. (p. x-xi)

O autor do prefácio questiona se o País possui uma raça brasileira, comentando: “(...) querendo ser útil, nos seus estudos, ao problema da regeneração da nossa raça, se é que já possamos chamar de raça a esse caldeamento de *typos ethnicos* diferentes que constituem o povo brasileiro, foi feliz no assumpto que lhe incumbiram de estudar” (p. xii).

A obra de Sobrinho (1930), pautada nos pilares da eugenia, focaliza a Educação Física como possível redentora da raça nacional, que se faria mais forte, robusta, saudável e bela se suas mulheres fossem fisicamente ativas. Assim, afirma o autor: “Nada se poderá esperar de uma raça cujas mães não são preparadas *physicamente* para o cumprimento de sua missão suprema – a *conservação da espécie*” (p. 25).

Criticando os preconceitos gerados pela crença na dicotomia e incompatibilidade entre atividade intelectual e física, Sobrinho critica os avanços da vida moderna no perfil sedentário das pessoas, o que estava “atrofiando” a raça, que somente através do exercício poderia se regenerar, exemplificando as ações tomadas a esse respeito em nações desenvolvidas.

Paiz talvez não haja, como o Brasil, necessitando mais de comprehender (...) o verdadeiro papel reservado á educação physica, cujo poderoso auxilio para a regeneração da raça é assumpto fora de duvida, como provam (...) as civilizações mais brilhantes. (...) A situação da raça brasileira (...) – regeneração da raça – é o mesmo, unico, e se pode resumir na educação physica bem comprehendida e convenientemente executada e dirigida. (p. 10; 19)

No que tange às mulheres, concebidas como tendo a função primordial de reprodução da espécie, a Educação Física é apresentada como capaz de, além de saúde, trazer a graça, a beleza estética e a força ao sexo feminino. Sem atividade física a mulher inativa torna-se alvo de freqüentes moléstias: “Não há raça forte sem mulheres fortes, nem beleza em um povo de mulheres fracas” (p. 36).

O culto exagerado das mulheres com as formas de sedução, a sua inatividade física inerente ao seu papel social, e o culto à beleza através da moda⁴ e maquiagens são criticados pelo autor, pois torna a mulher cada vez mais propícia à debilidade orgânica, comprometendo o projeto eugênico:

Nenhum meio artificial poderá impedir a marcha alarmante dessa decadencia. Momentaneamente é possível dar uma apparencia bela a um corpo debil; o meio empregado, porem, vae apressar a ruina ao envez de corrigir. A serie de perturbações inherentes á mulher civilisada resulta da falta de actividade physica”. (p. 66)

Na revista *CAP*, publicou-se, em 1930, um artigo intitulado “Instrução physica feminina”, do Dr. J. Souza Queiroz, que trouxe argumentos similares aos de Sobrinho (1930) sobre as críticas aos cosméticos e a relação entre beleza, saúde e cultura física:

Confiar nos cold cream, batons, rimels, é grande optimismo, pois não passam de artificios grosseiros do industrialismo, falsificações comicas da saude! Não é possível, que vos priveis dos exercicios physicos por um excesso de confiança em taes macaquices da Belleza. É necessario á mulher manter a soberania e ascendencia sobre o homem; (...) mas pela cultura physica que lhe proporcionará relevo ao busto, fronte erguida, contorno aos membros, frescura á epiderme, rosas faces! (...) As jovens podem praticar as gymnasticas (...). Devem dançar, andar, correr, nadar, montar a cavalo (...). Sejaes bellas, fortes e sadias e erguereis de muito as glorias e conquistas do nosso C. A. Paulistano. (CAP, São Paulo, mar.-abr. 1930, ano IV, n. 2-3, s.p.)

4 “O collete [espartilho], o salto alto e as modas femininas são, em grande parte, responsaveis pela decadencia physica da mulher. (...) Se, alem desses supplicios impostos pela vida mundana, a mulher se mantem inactiva physicamente, os males se avolumam e influem notavel e igualmente sobre a belleza e a saúde” (Sobrinho, 1930, p. 71-72).

Mulheres se inserem nas práticas esportivas

No início do século XX, através dos esportes aquáticos, as mulheres das elites ampliaram sua participação atlética, participando em competições de remo e natação, incluindo travessias a nado da Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, e do rio Tietê, em São Paulo (Devide, 2003).

Se na década de 1920 o corpo feminino vivenciou ativamente a prática esportiva, na década de 1930 esse movimento ganhou proporção nacional, impulsionado, entre outros aspectos, pelos ideais nacionalistas de eugeniação propostos à sociedade brasileira, que atribuía às mulheres um papel central (Ramos, 1937).

No Rio de Janeiro e em São Paulo eram identificadas as mudanças mais visíveis nas atitudes, hábitos, formas de se vestir, representações sobre as mulheres e suas relações com os homens. Povoadas por imigrantes e membros da elite, novos valores se incorporavam e eram consumidos de forma desigual pelas camadas sociais e por ambos os sexos.

A Educação Física ganhou impulso e importância principalmente para as mulheres das classes média e alta, que assumiram uma vida moderna, influenciada por valores importados da Europa. A prática esportiva era associada à saúde e à higiene, com base no discurso médico, higienista e eugênico,⁵ que visavam a construção de um corpo forte, saudável, limpo e capaz de gerar filhos saudáveis, contribuindo para a construção de uma nação forte (Gomes & Lovisolo, 1998; Mourão, 2000).

Schpun (1999) faz uma análise da cultura física na São Paulo da década de 1920, momento em que a urbanização exigia novas formas de apresentação corporal do homem e da mulher. As modalidades esportivas sofriam um processo de sexualização a partir da “naturalização” de atributos concebidos como femininos ou masculinos. O discurso normativo fazia do esporte veículo de fortalecimento da raça, manutenção da juventude e distinção social entre as elites e as classes populares. Entretanto, enquanto para os homens o esporte se tornou um veículo de construção da virilidade, desenvolvimento muscular, coesão grupal e competitividade, para as mulheres ele visava o desenvolvimento da graça e da bele-

⁵ Discurso este que vigorou durante toda a década de 1930 e pode ser identificado em textos que abordavam o tema da Educação Física feminina (Texas, 1932; Mendes, 1933; Guido, 1935).

za – influenciadas pelo modelo europeu e norte-americano – e torná-las fonte de prazer para os olhares masculinos.

Os corpos femininos são antes de mais nada preparados para serem vistos, para se exibirem. A beleza das formas, seja no que toca ao andar, à graça dos movimentos e dos gestos ou à expressão do rosto, permanece (...) o objetivo central de sua cultura corporal, a manifestação por excelência da “essência” feminina. (Schpun, 1999, p. 74)

Não é por acaso que, analisando as reportagens sobre o tênis na revista *Sports*, Schpun encontra várias fotos de atletas homens e de atletas campeãs estrangeiras jogando, enquanto que a maior parte das atletas brasileiras era fotografada parada, com o traje de jogo e equipamentos, mas não em ação. Isto também ocorria com as nadadoras brasileiras, constantemente fotografadas com seus maiôs em poses sensuais, aproximando-as mais de modelos que de atletas (Devede, 2002), o que configura toda uma rede de estratégias para manter a graciosidade feminina, ao lado da prática esportiva não-competitiva.

Os retratos das mulheres atletas brasileiras também oferecem outra leitura: o uso do capital simbólico – no caso, o corpo belo, esculpido pela prática do esporte, que, fotografado, exposto publicamente e cortejado, conferiu uma forma de poder simbólico (Bourdieu, 1999, 2001), que permitiu que essas mulheres, transformadas em estrelas como as *stars* do cinema norte-americano, ingressassem na esfera da competição esportiva sem maiores restrições, ao contrário da grande maioria, que às vezes abandona o esporte em virtude das resistências sociais que entravam a carreira atlética (Devede, 2003).⁶

No Rio de Janeiro, de forma semelhante à capital paulista, exercícios como a natação, a ginástica, a dança, o remo, a esgrima e o turfe foram eleitos como os mais adequados à biologia das futuras mães. Famílias da elite carioca participavam de competições esportivas nos clubes como um hábito familiar, o que servia como uma forma de projeção das mulheres, que começaram a frequentar os clubes esportivos de elite, como o Jockey Club e o Fluminense Football Club (FFC). Este último, pioneiro no incentivo às atividades físicas femininas através de seu departamento femini-

⁶ Na história das mulheres na natação feminina no Brasil no século XX, o esporte se tornou um *locus* de poder para as nadadoras, que o ocuparam e souberam usufruir dele, conquistando espaço no esporte e na esfera pública, no seio de uma sociedade que identificava a vida feminina aos valores domésticos.

no, fundado em 1918, organizou durante a década de 1920 atividades de ginástica, atletismo, dança, voleibol, peteca, pingue-pongue, tênis e natação,⁷ inclusive torneios femininos com outros clubes, além de festas e atividades beneficentes.

Nos anos 1920, a revista *Tricolor*, editada pelo FFC, destinava uma sessão especial aos assuntos femininos, que trazia vários artigos, por exemplo, “A mulher e o sport” (Oliveira, 1928), “Sports femininos” (Oliveira, 1929a) e “A mulher moderna e a cultura physica” (Oliveira, 1929b). Escritos por Magdala da G. Oliveira, redatora da revista, nestes artigos eram discutidas questões como a importância da prática esportiva (traduzida como “arte de ser forte”) na saúde das mulheres, e para a maternidade e o fortalecimento da raça; a incompatibilidade de esportes como futebol e boxe com a delicadeza feminina; as recomendações para a prática de outras atividades esportivas como o tênis, a natação, o ciclismo, o automobilismo e a equitação; a crítica às mulheres que desprezavam a prática esportiva; a defesa da tese de que o cultivo da beleza, a força e a saúde femininas não eram um dom natural e só podiam ser conquistadas através da cultura física; e a crítica à cultura que imobilizava as meninas na infância distanciando-as da atividade física, enquanto incentivava os meninos aos esportes.⁸ Vejamos um trecho de palestra publicada na revista *Tricolor*, de autoria da redatora supracitada:

Como banir de um povo impregnado de progresso sua fonte de vida e de força, o seu alicerce mais solido, que é a saude e a belleza de suas mulheres? (...) A mulher (...) deve actuar em todas as actividades. (...) embora a sciencia lhe illumine o espirito, o sufragismo lhe masculinize as maneiras, a mulher não póde esquecer que, (...) de todas as missões, tem a nobre missão que Deus lhe confiou: a de ser Mãe! (...) a cultura do espirito torna-se paralela á cultura physica, base do aperfeiçoamento das raças. (...) não basta á mulher um lindo rosto; é necessario que ella seja sã. O que deverá, pois, fazer uma mulher para ser bella? Procurar um instituto de belleza? Não! Correr a um curso de gymnastica. (...) A gymnastica é para o corpo o que a religião é para a alma: o meio melhor de purifica-la. Desde a infancia, as meninas são habituadas á tranquillidade, só lhes sendo consentido o brinqueado de bonecas, enquanto os meninos saltam e correm em plena liberdade. Por que essa diferença se o movimento fortalece tanto as crianças? (...) Quantas

7 O FFC foi o primeiro clube carioca a construir uma piscina e promover competições com provas femininas (FFC - Álbum de recortes – Temporada: 1928. Rio de Janeiro: FFC).

8 Este último traço, presente nos artigos publicados na década de 1920, reatualiza o tema que estava presente nas páginas dos periódicos do início do século.

mães vêem suas filhas doentes, rachíticas, e procuram em remédios e estações de águas a cura para seus males? Às vezes, desesperadas, assistem á fraqueza seguir-se a tuberculose (...) vêem as filhas deixarem a vida (...) victimas da má orientação physica, asphyxiadas entre as quatro paredes de um palacete humido. E assim, milhares e milhares de desgraças são causadas pela falta de exercicios entre as moças. (Oliveira, 1929b, p. 6).

Note-se como a autora traz elementos presentes à época: a mulher enclausurada na esfera privada do lar, a crítica à educação eminentemente intelectual, os brinquedos que construíam os estereótipos sexuais, a inatividade física da mulher, a busca pela igualdade com o homem e a associação da imagem da mulher à de mãe como missão relevante na eugenia da raça - esta última, coroando o discurso e as idéias de alguns intelectuais que produziram o conhecimento sobre a Educação Física na época, como Fernando de Azevedo e Rui Barbosa.

Foi com o desenvolvimento industrial e urbano que o acesso à escolaridade, o direito ao voto, a participação pública e o avanço do feminismo no País permitiram que as mulheres conquistassem espaços na área profissional, mesmo que em determinadas funções reservadas ao sexo feminino, dependendo da autorização dos maridos, quando casadas, e desde que não pusessem o trabalho à frente dos deveres domésticos. Algumas das profissões assumidas pelas mulheres foram as de professora, taquígrafa, secretária, telefonista e operária de indústrias têxteis, de confecções ou alimentícias (Maluf & Mott, 1998).

Inserindo-se no mercado de trabalho, as mulheres também criam os filhos e cuidam do lar: estava instituída a dupla jornada de trabalho. Elas conquistam o acesso às informações provenientes de revistas femininas, dos rádios e das viagens ao exterior; o culto à moda modifica o vestuário e o corte dos cabelos, mais curtos; o corpo sofre mudanças e começa a se soltar: torna-se ativo, livre do espartilho e do corpete. Tais mudanças se refletem na imagem do corpo feminino: procura-se então conciliar o papel idealizado para as mulheres, de mãe, esposa e administradora do lar, com a sua prática esportiva (Gomes & Lovisolo, 1998).

Neste período, em São Paulo, a influência européia, principalmente no âmbito das elites, foi importante para o desenvolvimento do esporte feminino, especificamente a natação, praticada em clubes de origem alemã (Lenk, 1986) e italiana, onde mulheres de descendência européia desafiaram os ideais construídos e destinados às mulheres brasileiras.

Surge um “corpo de classe” (Priore, 2000), que assume a prática do esporte no cotidiano, na esfera dos clubes privados e no caso das mulheres, permite que comecem a se movimentar e a ganhar espaço, desde que praticando as modalidades adequadas à “natureza feminina”. A imprensa, através de revistas como *Sports*, *Sport Illustrado*, *Revista de Educação Física* e a revista *Esperia*, também contribuiu para a disseminação da prática esportiva pelas mulheres nas décadas de 1920 e 1930 (Leake, 1933; Mendes, 1933; Stempnievski, 1936; Neto, 1938).

Neste cenário, a natação se constrói como um esporte que apresenta traços convergentes com aquilo que se interpretava como “natureza feminina”: a água lembra a maternidade, e neste contexto as mulheres podem até competir, ao contrário do atletismo e do tênis, nos quais a frágil constituição feminina impediria os bons resultados, além de contribuir para a perda da sua graciosidade (Schpun, 1999). O incentivo à prática da natação como atividade ideal, por não masculinizá-las, e não comprometer-lhes a graça, tornou-a a porta de entrada das mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos (Devide, 2001).

Tais mudanças, porém, estabeleciam uma relação de tensão entre os preceitos da representação de feminilidade da época e as inovações acima, para que estas não se tornassem uma ameaça à idéia da mulher como mãe, esposa, do lar, masculinizando-a (Goellner, 2000). Na realidade, a nova ordem, que direcionava as mulheres a determinadas práticas esportivas, servia aos interesses do Estado, de eugeniação e branqueamento da raça, para aproximá-la das elites internacionais. De acordo com Mourão (2000), as inovações trouxeram concessões que foram feitas “não para emancipar, e sim para diferenciar as funções entre os sexos e aperfeiçoar o papel da mulher como reprodutora, (...) de responsável pela regeneração da raça” (p. 12). Para Maluf e Mott (1998),

o dever ser das mulheres brasileiras nas três primeiras décadas do século foi, assim, traçado por um preciso e vigoroso discurso ideológico (...) que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos, ao mesmo tempo que cristalizava determinados tipos de comportamento convertendo-os em rígidos papéis sociais (p. 373).

Apesar da sua inserção no cenário esportivo, através de atividades socialmente adequadas ao sexo feminino, na época legitimadas por um discurso normativo - que provinha de médicos, era reforçado por juristas, legitimado pelo Estado, pela Igreja e tam-

bém pela imprensa⁹ - as mulheres, nas três primeiras décadas do século XX, ainda permaneciam, em sua maioria, limitadas à esfera da casa, como “rainhas do lar”, fortalecendo o tripé mãe, esposa e dona-de-casa, não sendo bem vistas se ganhassem vulto na esfera pública.

Departamentos femininos dão visibilidade às mulheres esportistas

Na década de 1920, é importante frisar, alguns clubes cariocas e paulistas possuíam departamentos femininos que, entre festas e obras de caridade, organizavam torneios e cursos de iniciação esportiva para as mulheres. No CAP, elas nadavam e jogavam tênis; no FFC, além da natação, praticavam o voleibol, a ginástica, o pingue-pongue, a peteca e o tênis; no Sport Club Germania (SCG), praticavam atletismo, tênis e natação.

Nas páginas da revista *Esperia* de 1928 e 1929 podem-se encontrar fotos das festas internas desse clube, com mulheres participantes de atletismo, basquete, remo e natação. Contudo, na maior parte das vezes, elas aparecem paradas, posando para as fotos, e não praticando a modalidade. A visibilidade era um fato, mas, como já foi comentado na seção 3.4 deste estudo, as imagens não traduziam as mulheres atléticas, mas as mulheres belas. Em um dos números, a revista faz comentários sobre a equipe feminina de atletismo e a naturalidade com a qual as sócias treinavam, mas o excerto abaixo deixa explícita a curiosidade que despertavam estas mulheres em ação, durante os treinamentos:

O atletismo feminino está prometendo fazer sucesso entre nós. Pelo menos se o interesse pelas competições fôr proporcional á curiosidade que os treinos despertam, será necessario ampliar as intallações para a assistência. (...) Mas as moças que estão em treino pouco se imcommodam com os basbaques; visam apenas fortalecer seu physico, e fazer brilhante figura (...). (Esperia, São Paulo, mar.-abr. 1929, ano I, n. 6 e 7, p. 28)

⁹ É possível observar, nas imagens expostas no texto de Maluf e Mott (1998) sobre as propagandas das décadas de 1910 e 1930, como a imprensa reforçava e legitimava os papéis destinados às mulheres, fortalecidos na esfera privada, como as atividades da casa; ou ironizados na esfera pública, como o trabalho feminino e a luta pelo direito ao voto. Da mesma forma, como as mulheres, através de veículos como a *Revista Feminina*, também incorporavam estes valores, como o dever da maternidade.

Nas revistas desses clubes, mulheres que se destacavam nas competições eram fotografadas e serviam de exemplo para as demais. Nos textos, a narrativa flui em torno da beleza, juventude, graça, saúde e eugenia, incorporando o discurso higienista pregado na época, em que beleza e saúde se tornaram traços indissociados da cultura física (Schpun, 1999). Vide comentários da revista *Tricolor*, do FFC, sobre Vera Oiticica, nadadora:

(...) devemos destacar (...) a prova em que Véra Oitícica, qual sereia encantadora, olhando o tecto da piscina com o sorriso da victoria nos meigos labios entre-abertos, venceu a já famosa Veroneze. (...) venceu admiravelmente bem. (...) como a nadadora excellente que é e empolgou ainda mais pela elegancia do estylo que possue (...). O seu triumpho foi saudado por estrepitosa salva de palmas (...) que sirvam de incentivo (...) para que ella, joven como é, chegue a ser mais tarde a embaixatriz brasileira em contendas mundiaes (...) Que Véra offereça ao mundo um exemplo da pujança da nossa raça. (Tricolor, Rio de Janeiro, mar.-abr. 1929, ano III, n. XVII, p. 27, grifo meu)

A beleza física e a juventude, requisitos das mulheres que ingressavam na vida pública, passaram a ser interpretadas como necessitando da prática regular da atividade física. Por isso, artigos que as orientavam sobre como e o que praticar começaram a ocupar as páginas das revistas femininas e daquelas editadas pelos clubes com departamentos femininos. O FFC, na revista *Tricolor*, publicou um artigo intitulado “Não ha belleza feminina sem a cultura physica”. O texto inicia estabelecendo uma relação causal entre a prática de exercícios e a beleza feminina, e traz um discurso normativo: “Praticar a cultura physica para ser sã, para ser bella e para ser forte, é, para a mulher, um dever physico e um dever moral” (jun.-jul. 1929, ano III, n. XX, p. 26). Traduzindo estas idéias, Goellner (2000), afirma:

Para a mulher feminina e mãe, a beleza é sinônimo de saúde e também de uma genitália adequada para cumprir suas funções reprodutivas. (...) feminilidade pressupõe beleza e saúde (...). Pressupõe, sobretudo, a garantia do que culturalmente foi colado à imagem da mulher: a retidão do seu comportamento, a pureza da sua alma e a beleza do seu corpo. (p. 64; 67-68)

A natação como atividade esportiva ideal para as mulheres¹⁰

Simultaneamente ao movimento de inclusão das mulheres na vida esportiva, ou em decorrência do mesmo, revistas como a *Sports*, de São Paulo, e a *Tricolor*, no Rio de Janeiro, veiculavam artigos sobre a “educação physica feminina” e a natação para as mulheres, muitas vezes trazendo biografias de nadadoras estrangeiras, pioneiras no esporte, que serviam de exemplo para nossas futuras *nageuses* nacionais.¹¹

Analisemos um excerto do texto “A mulher e a água”, em que a natação, no contexto da época, surge com os requisitos necessários para se tornar o esporte ideal para a manutenção da beleza, sensibilidade e graça feminina.

nos sports athleticos os melhores resultados que a mulher conquistou não chegam a 70% dos records masculinos (...)! Tal não succede na natação. Si em pequenas distancias, (...) tem importância capital uma robustez physica, (...) nas provas mais longas essa diferença se annulla quase completamente, havendo provas em que as mulheres tem superioridade. Porque? Porque a natação (...), a arte de saltar n’agua e mergulhar, são muito mais “femininos” do que quaesquer outros sports. (...) na água a mulher quase sempre se eguala aos homens, ultrapassando-os muitas vezes. É que ellas possuem em alto grau esse senso especial da economia do esforço, (...) são muito mais leves, relativamente ao peso de água que deslocam, do que os homens e sentem muito menos frio. (...) ellas sentem (...) que a natação tem uma capacidade morphogenica incomparável, constructora (...) da harmonia plástica do corpo e inspiradora de graça (...). A natação é a única actividade physica que, mais arte do que sciencia, exige a posse dessa intuição do rythmo e da harmonia que é como um sexto sentido feminino e de que está privada a quase totalidade dos homens. (...) Como arte (...) apella muito mais fortemente para as

10 A dança e a ginástica eram as duas atividades físicas que Goellner (2000) sugere como sendo as mais indicadas às mulheres na época. Contudo, em relação aos esportes, a natação poder ser elencada como aquela destacada pelos intelectuais na primeira metade do século XX.

11 É o caso da revista *Sports*, que em janeiro de 1920 (ano I, n. 2, p. 17-18), publica um artigo sobre a vida da campeã australiana Annete Kellermann, intitulado “A vida de uma campeã”, detalhando sua infância, o ingresso na natação, as vitórias, os desafios no Canal da Mancha e a carreira de estrela no cinema norte-americano; no número 4, p. 108-109, de março/abril de 1920, traz foto e informações sobre a campeã olímpica e recordista mundial Fannie Durack, que participou dos Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1921.

mulheres do que para os homens, *de sensibilidade menos apurada (...)* indiferentes a essa mutação (...) da água, tão semelhante á alma da mulher e que por isso mesmo, mais do que a nós, as attraie, seduz e prende. (Sports, São Paulo, jan. 1920, ano I, n. 2, p. 25, grifo meu)

No texto, de autoria masculina, a natação é o esporte em que as mulheres podem demonstrar igualdade e em alguns casos, superioridade em relação aos homens. Os pilares que fortalecem tal argumento são de natureza sexual (biológica) e de gênero: as mulheres sentem menos frio e tornam-se mais leves na água, pois têm um percentual de gordura maior; mas sua sensibilidade, sua graça, seu “sexto sentido”, características social e historicamente atribuídas ao sexo feminino, as põem em vantagem em relação aos homens na prática da natação e saltos, em que a economia de força, a leveza e a harmonia dos movimentos são, de acordo com o autor, essenciais, tornando a atividade mais “feminina” que qualquer outra, seduzindo as mulheres à sua prática, como corrobora Schpun (1999).

No mesmo número da revista *Sports*, inclui-se um artigo de Fernando de Azevedo, que traça algumas diretrizes para a “Educação Physica Feminina”:

A educação physica da mulher deve constar de: a) jogos infantis (...); b) gymnastica sueca, principalmente appropriada á funcção respiratoria e á bacia e aos membros inferiores; c) esportes, taes como dança clássica, ao ar livre, pedestrianismo (...); e, finalmente, a natação que é o esporte utilitário de maior capacidade hygienica e morphogenica. (...) Os exercícios, pois, que mais convém á mulher são aquelles que aumentam a flexibilidade e a destreza da columna vertebral (...) a flexibilidade do tronco e da harmonia dos movimentos depende um dos maiores encantos da mulher: a GRAÇA. A educação physica para moças deve ser (...) hygienica e esthetica e nunca “athletica”, visar (...) o desenvolvimento da parte inferior do corpo, dar graça e destreza aos movimentos, procurando antes a ligeireza do que a força. (...) A educação physica deve ser diária, durante meia hora, preferivelmente pela manhã. As meninas e moças poderão fazer os exercícios respiratórios, procurando-se (...) o desamor pelo espartilho que (...) deforma o tórax e prejudica a respiração. O vestuário deve (...) ser tão leve que não traga obstaculo algum aos movimentos e ao desenvolvimento da caixa toracica. (...) Os exercícios para a mulher (porque a sua estrutura é mais fraca e delicada do que a do homem) devem ser menos enérgicos e ter menos duração. É contra indicado todo e qualquer exercício que exija dispêndio muscular intenso e prolongado. (Azevedo, 1920, p. 46, grifo meu)

Neste excerto identificam-se algumas diretrizes claras: o incentivo à prática física; o combate à vestimenta maléfica à saúde feminina, a instrução contra a prática esportiva competitiva e de alta intensidade, e a prática de exercícios que fortaleçam os membros inferiores, indispensáveis à futura mãe. Aspectos que visavam a manutenção da estética e graça femininas, em detrimento do desenvolvimento atlético.

O autor concede espaço especial à natação, enquanto modalidade esportiva: “esporte utilitário de maior capacidade higienica e morphogenica” (*Idem*). Na época acreditava-se que a natação era um esporte que dispensava a força, sendo menos atlético; e também, por ser realizada ao ar livre e na água, tornava-se a atividade por excelência, higiênica e capaz de trazer os melhores benefícios, tanto estéticos, quanto fisiológicos, ao corpo feminino. Como comenta Maria Lenk (1986), “a natação gozava de fama de dispensar a força física muscular, portanto, não prejudicando as virtudes femininas de graciosa fragilidade impostas pelo machismo dominador” (p. 17).

Reforçando estas idéias com argumentos técnicos, em seu primeiro livro Maria Lenk (1942) escreveu no capítulo de abertura: “Natação, coroa dos exercícios físicos”, abordando as vantagens higiênicas, fisiológicas, morais e utilitárias de sua prática. Analisemos somente a primeira delas:

Leva este desporto a vantagem sobre os demais, por ser executado, (...), nas melhores condições higiênicas. Sabemos que (...) sobre a superfície da água o ar é mais puro (...). A ação dos raios solares é mais eficiente (...). O corpo imerso na água recebe a ação salutar do movimento da própria água, que age como verdadeiro massagista. (...) tem poder calmante extraordinário, (...) pela necessidade de se realizarem movimentos serenos e ritmados (...). São reparadores, ainda mais, no silêncio da beleza dos panoramas que se nos apresentam, quando procuramos locais de banho oferecidos pela própria natureza. (...) O exercício dentro da água é ótimo estimulante, pois a diferença de temperatura do ar, em relação com a água, provoca reação agradável (...). (p. 11)

Periódicos direcionados ao público feminino, como a *Revista Feminina*, também abordaram a temática, apontando a natação como uma atividade adequada à natureza feminina, que deveria se abster de experimentar e praticar outras, que a embruteceriam, desenvolvendo-lhe músculos. Vide este excerto do artigo “A mu-

lher e o esporte”, ilustrado com fotos de inglesas praticando o atletismo:

Concordamos, a mulher deve praticar o esporte, escolhendo-o, porém, de accôrdo com a sua índole, (...) com o seu trabalho, como educanda e como educadora. Porque o esporte embrutece, mormente os limites em que se divisa estacionar, na sua pratica, para o melhor aproveitamento em favor, (...) do bom trabalho organico. (...) não devemos lhes permitir os exercicios embrutecedores, como o remo (...) o levantamento de pesos, o futebol etc.: seria de melhor alcance a nataçãõ, a gymnastica respiratória, e outros (...) moderados e... femininos (...). (Revista Feminina, São Paulo, jul. 1925, ano XII, n. 134, s.p.)

A recomendação da natação como esporte ideal para as mulheres, presente no discurso de alguns intelectuais da época e nas páginas das revistas femininas e dos clubes, contribuiu para que o contingente feminino, vindo das elites, aumentasse nas piscinas recém-inauguradas dos clubes privados, não encontrando maiores resistências para a prática deste esporte.

Considerações Finais

O Conceito de saúde esteve estreitamente relacionado com o de beleza estética, tornando-se indissociados e necessários às mulheres na virada do século XIX no Brasil. Neste cenário de crescente industrialização nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, a atividade física tornou-se a principal mola propulsora para se alcançar o ideal, através do incentivo da imprensa, da inserção das mulheres em competições esportivas e da inauguração dos departamentos femininos no interior dos clubes.

Instaurou-se entre os intelectuais e com o incentivo do Estado, um discurso eugênico centrado na figura da mulher, que deveria receber uma educação integral, incorporando a prática física lado a lado com as atividades intelectuais.

Nestas duas cidades, entre outras atividades, a natação, enquanto esporte, destacou-se, incorporando características associadas à representação de graça e feminilidade atribuídas ao modelo de mulher brasileira, sã, bela e graciosa.

Swimming as an element of the female physical culture in the begining of the XXth Century: building healthy, beautiful and graceful bodies

Abstract: This study aims to present how swimming was developed as an important element of the female physical culture at the beginning of the 20th century. After the analysis of historical sources about feminine physical culture, it is possible to consider that physical activity, especially swimming, was very important to reach the eugenic project proposed by the State, and by some intellectual minds of that period, incorporating the concepts of health, beauty, and grace as unseparable and essential aspects that belonged to the women at the beginning of 20th century in Brazil.

Keywords: Womens's History, Physical Culture, Swimming.

La natación como elemento de la cultura física a principios del siglo XX: construyendo cuerpos sanos, bellos y hermosos

Resumen: El presente estudio tiene por objetivo presentar como la natación se ha transformado en un elemento de destaque en la cultura física femenina a principios del siglo veinte. Después del análisis de las fuentes históricas que discuten el tema de la Cultura Física, considerase que la actividad física, de modo especial, la natación se ha puesto como instrumento de propulsión para lograr el ideal higiénico propuesto por el Estado y algunos de los intelectuales de la época, añadiendo los conceptos de salud, belleza y hermosura, como elementos indisociables y necesarios a las mujeres del comienzo del siglo veinte en Brasil.

Referências

- AZEVEDO, F. Educação physica feminina. *Sports*, São Paulo, ano I, n. 2, p. 46, 1920.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

- DEVIDE, F. P. Por uma história da natação feminina brasileira construída pelas representações sociais de nadadoras de elite. In: *Anais da II Jornada Internacional de Representações Sociais*, Florianópolis:UFSC, 2001, p.221-224.
- DEVIDE, F. P. História das Mulheres na natação competitiva brasileira no início do século XX: do “páreo elegância” à participação nos Jogos Olímpicos de Los Angeles. In: *Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*. Ponta Grossa:UFPR, 2002, p. 54-67
- DEVIDE, F. P. *História das Mulheres na natação brasileira no século XX: das adequações às resistências sociais*. 2003. 347f. Tese (Doutorado em Educação Física e Cultura) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.
- ECO, H. *Interpretação e superinterpretação*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.
- FRANCO, A. E. Educação Physica. *Album das meninas*. São Paulo, ano I, n. 3, s.p., 1898.
- GOELLNER, S. V. A Educação Física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. *Movimento*, Porto Alegre, ano VII, n. 13, p. 61-70, 2000.
- GOMES, E. M. de P.; LOVISOLO, H. R. Atividades físico-desportivas de mulheres da elite carioca (1900-1930). In: *Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação Física*. Rio de Janeiro:UGF, 1998. p. 425-431.
- GUIDO, A. O bello sexo e a cultura physica. *Esperia*, São Paulo, ano VII, n. 10, s.p., 1935.
- LEAKE, G. S. Que é feminilidade? *Revista de Educação Física*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, p. 26-27, 1933.
- LENK, M. *Natação*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1942.
- LENK, M. *Braçadas & abraços*. Rio de Janeiro: Gráfica Bradesco, 1986.
- MAINGUENAEU, D. *Termos-chave em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: UFMG.
- MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos do feminino. In.: SEVCENKO, N. (org.). *História da vida privada no Brasil - República: da belle époque à era do rádio*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 367-421.
- MARINHO, I. P. *História da Educação Física no Brasil*. São Paulo: Cia. Brasil, s.d.
- MENDES, D. Beleza e Educação Física da mulher. *Revista de Educação Física*. Rio de Janeiro, ano II, n. 12, s.p., 1933.
- MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. *Movimento*. Porto Alegre, ano VII, n. 13, p. 5-18, 2000.
- NETTO, A. R. O esporte libertador da mulher. *Esperia*. São Paulo, ano X, n. 6, s.p., 1938.
- OLIVEIRA, M. da G. A mulher e o sport. *Tricolor*. Rio de Janeiro, ano II, n XIV, p. 4, 1928.
- OLIVEIRA, M. da G. Sports femininos. *Tricolor*. Rio de Janeiro, ano II, n. XV, p. 6, 1929a.
- OLIVEIRA, M. da G. A mulher moderna e a cultura physica. *Tricolor*. Rio de Janeiro, ano III, n. XX, p. 6, 1929b.
- PÊCHEUX, M. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.
- PRIORE, M. Del. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2000.

- QUEIROZ, J. S. Instrução physica feminina. *C.A.P.* São Paulo, ano IV, n. 2-3, s.p., 1930.
- RAMOS, J. J. Educação Física feminina. *Revista de Educação Física*. Rio de Janeiro, n. 37, p. 35-36, 1937.
- SCHPUN, M. R. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- SCOTT, J. História das mulheres. In.: BURKE, P. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 62-95.
- SILVA, M. C. de P. Mulher, Jogos Olímpicos e memória nacional: o caso de Piedade Coutinho. In: TAVARES, O.; DA COSTA, L. P. (orgs.). *Estudos olímpicos*. Rio de Janeiro: UGF, 1999.
- SOBRINHO, O. R. *Educação Physica feminina*. Rio de Janeiro: Typ. Do Patronato, 1930.
- SOIHET, R. História das mulheres. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275-296.
- STEMPNIEVSKI, P. E. A mulher no esporte. *Esperia*. São Paulo, ano VIII, n 1, s.p., 1936.
- TEXAS, J. O vestuário feminino através da historia e da educação physica. *F.F.C.*, Rio de Janeiro, ano II, n. 53, capa, 1932.
- VAINFAS, R. História das Mentalidades e História Cultural. In.: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.127-162.

Recebido em 12/12/2003
Aprovado em 24/03/2004

Fabiano Pries Devide
Rua José Elias Zaquem, 1032
Agriões
Teresópolis – RJ
25963-402
fabianodevide@uol.com.br
